

EDUCAÇÃO MORAL: do tradicionalismo à renovação. A contribuição de Bernardino Leers

*ÉDUCATION MORALE: du traditionalisme au nouveau.
Contribution de Bernardino Leers*

Nilo Agostini¹

Resumo: *Este texto é fruto de uma pesquisa bibliográfica sobre a contribuição de Bernardino Leers, teólogo da moral e religioso franciscano, na área da Teologia Moral. Sua atuação marcou profundamente a compreensão da educação moral na sua transição do tradicionalismo à moral renovada. A presente pesquisa iniciou por demarcar o lugar que ocuparam os manuais clássicos, tradicionais ou neoescolásticos, que buscavam garantir uma educação ministrada com autoridade e estabilidade. Verificou-se a necessidade de trabalhar o senso histórico, o que nos levou a superar a inércia histórica muito forte na moral dos manuais, apontando para o desafio da renovação. Na experiência de Leers, a renovação iniciou-se no contato com o povo simples, com os pobres, atento à irrupção de novos sujeitos sociais da ética; ele captou a realidade em movimento, coadjuvado pelos aportes do Concílio Vaticano II e pela renovação que se seguiu, o que o levou a identificar as contradições existentes na sociedade e o lugar da moral enquanto leitura dos “sinais dos tempos”.*

Palavras-chave: Teologia moral. Manuais de moral. Moral Renovada. Bernardino Leers, 1919-2011.

Résumé: *Ce texte est le résultat d'une recherche bibliographique sur l'apport de Bernardino Leers, théologien de la moral et religieux franciscain, dans le domaine de la Théologie Morale. Ses performances ont profondément marqué la compréhension de l'éducation morale dans sa transition du traditionalisme à une morale renouvelée. Cette recherche a commencé par délimiter la place occupée par les manuels classiques, traditionnels ou néo-scolastiques, qui visaient à garantir une éducation donnée avec autorité et stabilité. Il était nécessaire de travailler sur le sens historique, ce qui nous a amenés à surmonter l'inertie historique très forte de la morale des manuels, soulignant le défi du nouveau. Selon l'expérience de Leers, le nouveau a commencé au contact de gens simples, des pauvres, conscient de l'émergence de nouveaux sujets sociaux de l'éthique; il a capturé la réalité en mouvement, aidé par les contributions de Vatican II et du nouveau qui l'a suivi, qui l'ont amené à identifier les contradictions de la société et la place de la morale comme une lecture des "signes des temps".*

Mots-clés: Théologie morale. Manuels de morale. Morale renouvelée. Bernardino Leers, 1919-2011.

¹ Pós-doutor em Educação pela Universidade de São Carlos (UFSCar), com estágio na Escola de Altos Estudos de Paris. Doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França. Docente no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação na Universidade São Francisco (USF). E-mail: nilo.agostini@usf.edu.br.

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de uma pesquisa bibliográfica sobre a contribuição de Bernardino Leers, no âmbito da moral, na passagem da visão tradicional para a renovada. Ele participou ativamente nos embates e na produção teológica da moral no contexto eclesial católico, por ocasião do Concílio Vaticano II. Sua trajetória o trouxe para o Brasil em 1951, vindo do sul da Holanda, onde nascera em 1919. Em 1938, abraçou a vida religiosa, ingressando na Ordem dos Frades Menores (OFM), tendo sido ordenado presbítero em 1945. Finda a Segunda Guerra Mundial, foi enviado a Roma para se especializar em Teologia Moral, tendo defendido sua tese de doutorado em 1951.

Vivenciou o edifício da moral em sua compreensão e práticas tradicionais antes do Concílio Vaticano II e labutou para a sua renovação a partir dos “novos ares” vindos deste Concílio. Tendo chegado ao Brasil, tratou de se enfronhar na vida comum de nossa gente, aprender a nova língua e o novo modo de viver de um povo que, segundo Leers (2004, p. 3), “tinha ‘um jeito especial’ no sangue”. Começou sua nova vida no norte de Minas Gerais, mais especificamente em Salinas, onde visitava as comunidades e os doentes da roça montado num “burro manso”. Afirma-nos ele: “Para compreender o povo, comecei a penetrar na moralidade complexa e variada, criativa e, às vezes, estranha, da gente do sertão, por meio de seus costumes, tradição e estilos de vida” (LEERS, 2004, p. 3).

Diz ele ter aprendido muito com o burro, animal nobre, que não tropeça duas vezes na mesma pedra; animal persistente, não entrega os pontos; sobe e desce ladeiras com segurança. Este animal não é bobo, pois não aceita qualquer coisa; executa as ordens dentro de suas possibilidades; tem seu ritmo certo, passo a passo. Assim, o burro, que de bobo não tem nada, adapta o ritmo, segue lentamente, anda sempre para frente. Ele tudo carrega com paciência, lenha ou ouro, pobre ou rico, e continua sendo burro, nada mais e nada menos.

Com este olhar aguçado, Bernardino Leers, frade franciscano, coloca-se no coração do povo, perscruta os caminhos, na escuta atenta dos sinais que o conduzem a discernir os caminhos da renovação em meio aos manuais clássicos que sistematizavam a educação moral tradicional no seio da Igreja Católica. Dizia ele: “O jeito é escolher caminhos certos para não dar com os burros n’água” (LEERS, 2004, p. 5). Lição esta aprendida com o burro, é claro!

1 A MORAL DOS MANUAIS CLÁSSICOS: A ESTABILIDADE E A AUTORIDADE

A firmeza do edifício da moral era incontestável, garantida pelos manuais clássicos, tais como os de Genicot, Noldin, Tanquerey, Arégui, entre alguns outros. Sistematizavam com firmeza e segurança os princípios da moral. Os professores ensinavam de cima da cátedra, dirigindo o conteúdo de “mão única” aos estudantes que observavam um silêncio obsequioso. As perguntas, eventualmente surgidas, eram para obter um esclarecimento melhor da doutrina expressa no manual.

Esses manuais, também chamados de neoescolásticos, estabeleciam um princípio unitário à moral (AGOSTINI, 2007a, p. 70-72). As dúvidas e o desnorteamento do período anterior, o dos sistemas morais, dos séculos XVII e XVIII, eram assim vencidos por essa literatura moral. Sua clareza estava fundada na proposição do que era compreendido como universal e perene, estabelecendo o que valia para todos, para além das diferenças regionais, e buscavam o que tinha durabilidade. O quadro em que a moral se achava era estável, seguro e uniforme. As referências eram, por um lado, a lei natural e, por outro lado, a lei de Deus e a Revelação. O acento residia no individual com ênfase para o agir, no sentido dos atos, na clareza em determinar o objeto em questão. A lei detinha um lugar preponderante, constituindo o parâmetro indispensável para a moral. Esse edifício apresentava-se como solidamente construído e era interpretado como “um sistema fixo de normas absolutas e eternas” (LEERS, 1992, p. 152), não se fazendo necessário e nem dando margem a qualquer exame crítico. “Estes eram, de fato, para o uso de confesores, mas também eram o único veículo de cognição da moral cristã para o próprio clero”, constata Leers (1987, p. 123), lembrando que “naqueles anos iniciais, o confessionário ocupava dias, às vezes”.

A partir da Segunda Guerra Mundial, o ambiente mudou e a busca por mudanças fervilhava por todos os lados. Esse cenário novo foi assim descrito por Frei Bernardino:

Depois da passagem pela Segunda Guerra Mundial, a mudança se tornou o tema dominante do panorama histórico global, mistura de abolição, criatividade, transformação, novidade, descobertas da vida e da morte, do bem e do mal. No correr dos anos, o ritmo das mudanças apenas acelerou e as novidades em todas as dimensões da existência humana no mundo rodavam, cada vez mais depressa, no redemoinho da vida cotidiana (LEERS, 1987, p. 120).

Começaram a surgir questionamentos no edifício da moral dos manuais neoescolásticos, apontando sobretudo para os exageros no uso exacerbado dos referenciais que justamente formavam os pilares da pretendida estabilidade. Moser e

Leers (1987, p. 39) sublinham que “a exacerbação de uma força se transforma numa arma perigosa”, assinalando para os exageros de “uma moral segura, mas nem sempre crítica; uma moral marcada pelo pessimismo; uma moral legalista; uma moral privatista”.

Esse quadro chocava-se com a ebulição das mudanças no cenário do pós-guerra, o que se aprofundou nos anos 1960 em diante. Bernardino Leers o considerou como uma situação complicada, presa entre dois extremos, assim descrita:

O conservadorismo tradicionalista que repete ainda velhas ideias sobre pecado, propriedade, família, obediência, separação entre dois mundos e dois poderes, ao lado da revolução dos costumes e movimentos de emancipação, condicionados pela rápida urbanização e os meios de comunicação que “vendem” de tudo a um público em boa parte despreparado (LEERS, 1988a, p. 283).

Em meio às sessões do Concílio Vaticano II (1962-1965), um esquema, devedor da neoescolástica, ainda foi proposto para a moral. Chamava-se *De ordine morali christiano*. A tonalidade presente no texto era negativa, com condenações aos erros morais das últimas décadas, disseminando um pessimismo generalizado (DELHAYE, 1962, p. 529-533). O texto foi rejeitado, e uma reorganização dos esquemas conciliares foi promovida.

2 O NECESSÁRIO SENSO HISTÓRICO

A inércia histórica foi uma marca muito forte na moral dos manuais. O teólogo da moral Bernardino Leers sublinhou a necessidade da formação do senso histórico a fim de “reconstruir o fluxo do passado, para entender o presente e projetar o futuro” (LEERS, 1992, p. 152). Indicava ser este um ponto franco da teologia moral. Em vez de afirmar “sempre foi assim”, a modo da moral tradicional, dizia ser preciso desenvolver “um bom senso histórico, a percepção da mobilidade antiestagnação, para distinguir entre permanências e mudanças no passado e discernir o cerne da mensagem evangélica nas contingências temporárias, condicionamentos humanos e regionalismos culturais que entraram em sua viagem formativa pelos séculos” (LEERS, 1992, p. 152).

De um lado, o senso da historicidade impede que a moral cristã seja interpretada como sistema fixo de normas absolutas e eternas, imposto com autoritarismo, sem exame crítico – basta praticá-las –; doutro,

estimula o amadurecimento da imaginação e a criatividade pessoais e comunitárias, de que o projeto evangélico da vida precisa para gradualmente ser realizado e, desta maneira, funcionar como fermento na massa. Porque a moral da Igreja não é produto congelado, feito de uma vez para sempre, mas escreveu uma já longa história, ela exerce uma força provocadora sobre seus agentes que têm de formar e seguir suas consciências com prudência, na concretude das situações em que se encontram (LEERS, 1992, p. 152-153).

A produção da teologia moral se dá condicionada pelo tempo e o espaço, em cujas situações e circunstâncias é produzida. Essa produção já passou pelas culturas latina e germânica. Ao chegar ao Brasil e mesmo à América Latina como um todo, ela foi escrita por homens e, mais, feita pelo clero e para o clero. Não houve participação das mulheres. Os leigos e mesmo as religiosas recebem-na em cursos abreviados. Aos escravos africanos, pregou-se o conformismo, em meio à dupla moral, a dos senhores e a dos escravos. Sobre os índios, verificou-se um silêncio, assevera Leers (1992, p. 151). Basta um olhar um pouco atento para captarmos uma simbiose entre a moral cristã e o contexto cultural. Como não nos encontramos fora da órbita da terra, somos nela

“‘eternos aprendizes’ da vontade de Deus, sinal de vitalidade, mas igualmente origem da função crítica para com os produtos morais, normas e práticas, passados e presentes” (LEERS, 1992, p. 153). Há uma caminhada lenta, em meio a obstáculos e de um consenso nem sempre fácil de estabelecer. Leers afirma que “a gradualidade costumeira na descoberta da verdade evangélica faz que certas afirmações tranquilas durante séculos cedam apenas lugar às novidades depois de longas discussões e lenta mudança das práticas” (LEERS, 1992, p. 153-154).

Quando o ritmo das mudanças se acelera, podem também aumentar as divergências, expressas em ideias e tomadas de posição que, se intensificadas, alimentam conflitos. Estes podem deflagrar verdadeiras lutas pelo poder, com graus de intolerância. No âmbito social, o que por épocas tinha aceitação, pode não ter numa época posterior; exemplo disso, em nosso país, foi a escravidão, tão arraigada nas mentes e atitudes dos católicos brancos, o que torna “a luta emancipatória dos afro-brasileiros ambígua até o presente” (LEERS, 1992, p. 154). Orientações da Igreja presentes em documentos do Concílio Vaticano II, como *Gaudium et Spes* e *Dignitatis Humanae*, e aqueles emanados das Conferências Latino-americanas de Bispos, como Medellín e Puebla, seriam inconcebíveis um século antes. E o que dizer, em nossos dias, do ensino emanado do pontificado do Papa Francisco? Compreendemos, então, que Frei Bernardino tenha afirmado o seguinte:

Na história da teologia moral, a negação de teses herdadas e a descontinuidade que rompe com o passado podem manifestar melhor o espírito evangélico do que foi ensinado e confirmado até então pelos moralistas e autoridades. Tanto a novidade quanto a tradição encontram seu critério de verdade na fé cristã, vivida na Igreja em seu contexto real (LEERS, 1992, p. 154).

Isso faz da educação moral um desafio em construção. Até o Concílio Vaticano II, a teologia se baseou em autores europeus, cujos manuais de moral, escritos em latim, foram importados e aqui alimentaram os conhecimentos teóricos de gerações do clero que as repassava ao povo. Leers (1992) verificou que, inclusive, a primeira onda de renovação fora de origem europeia, destacando nomes como Leclerq, Tilmann, Gillemann, Mersch e Tils, porém pouco conhecidos no Brasil. Em nosso país, tiveram mais penetração as obras, inicialmente, de Bernhard Haering (*A Lei de Cristo, Livres e fiéis em Cristo*), Marciano Vidal (*Moral de Atitudes*, entre outras) e de R. Rincón Orduña, G. Mora Bartres e E. Lopez Azpitarte (*Práxis cristã*).

3 O DESAFIO DA RENOVAÇÃO COMEÇOU NA ESCOLA DO POVO SIMPLES

Para Frei Bernardino, “o ser humano não é um robô programado, que executa ordem dos outros”; observa que “nas relações humanas, a obediência cega é subumana, porque as pessoas têm sua responsabilidade e sua consciência diante de Deus” (LEERS, 2004, p. 8). Por isso, o teólogo franciscano iniciou sua lida de jovem doutor em teologia moral “na escola formada pelo povo simples”, como ele mesmo contava (LEERS, 1987, p. 125), e enfatizava que começou a perceber que a reflexão teológica moral poderia ser interessante. Dizia que o povo, “com sua linguagem direta e agir concreto, dava calor e conteúdo humanos e encarnados” à moral (LEERS, 1987, p. 125). Reconhecia também que a linguagem do povo apresentava uma “escala ilimitada de variações e significados” (LEERS, 1987, p. 125), com a constante de sentir sempre Deus no centro.

Para a moral que enfoca as pessoas concretas, suas inter-relações e singularidades, a facticidade humana apresenta um quadro complexo e variado, divergente e contrastante de agentes morais. No universo humano, os agentes morais não estão simplesmente lado a lado em branca neutralidade; estão postos em estruturas de cima e de baixo, de poder e sem poder, de hegemonia e dependência, de explorador e explorado, de centro e periferia, interligados por causalidades mútuas. No nível

econômico, ricos se enriquecem nas costas de pobres; na política, a voz de uns abafa as vozes de muitos; na moral, o autoritarismo obstrui a liberdade das consciências; a hegemonia clerical deixa inutilizada a vivência da fé das comunidades cristãs e suas práticas. Liberdade, conversão, justiça e amor não são processos iguais para o verdugo e para a vítima embaixo de sua bota (LEERS, 1992, p. 157).

Na formação moral do povo, muitos são os mestres da moral, observa Leers (1992, p. 158). Para ele, mesmo se, a partir do quadro tradicional clerical, o povo cristão parecia ser apenas auditório e recipiente, portanto “não fonte de produção moral”, a trajetória de seus personagens e agentes mostra que a moral não era exclusividade dos manuais clássicos, nem do clero. O material primeiro da moral cristã é encontrado “na experiência acumulada da fé e da vida que a Igreja, o Povo de Deus, guarda, confirma e proclama, condicionada pelas culturas e situações históricas pelas quais passou e vai passando” (LEERS, 1992, p. 158).

Ao afirmar que “a Igreja católica nunca foi a única escola da moral das nações”, Leers (1992, p. 158) observa que o mesmo fenômeno também ocorre na história do Brasil.

Desse modo, ele esclarece:

A Igreja não tinha a hegemonia absoluta da formação moral do povo. Quando entrou no país pela colonização portuguesa, os índios estavam aqui com suas instituições sociais, valores e modos humanos de viver. Depois vieram os milhares de escravos africanos tirados à força de seu habitat original, violentados em sua dignidade humana, vendidos e comprados, como se fossem gado, pelos brancos. Formalmente, os sistemas de vida dos índios e dos escravos nunca tiveram vez na construção da teologia moral local, embora tenham deixado suas marcas na cultura do povo (LEERS, 1992, p. 158).

O século XX viu fatores diversos se entremear na formação prática da consciência do povo cristão. Leers identificou que “nesta época, a sociedade brasileira global se diversificou por causa de sua composição classista, miscigenação étnica e os impactos do sistema capitalista de produção e consumo, a ditadura militar e os novos meios sociais de comunicação” (LEERS, 1992, p. 158-159). Assim, são vários os “mestres” da moral, formando e deformando, sob a influência do contexto sociocultural com seus dinamismos próprios nos quadros social, político, econômico e religioso. A população tem ficado à mercê das novas influências, assim descritas por Frei Bernardino:

Milhões de famílias deixaram seu habitat tradicional e, desarraigados, emigraram para cidades e metrópoles ou regiões rurais de nova colonização para aventurar-se como num vácuo cultural e axiológico

sem preparo. Doutro lado, a ideologia desenvolvimentista e a propaganda comercial propuseram ao povo, praticamente desarmado, um novo ideal de céu na terra na forma de progresso material, dinheiro, conforto, aparelhos eletrônicos sempre mais sofisticados, promoção social. Que estas ondas provocaram, de fato, maiores contrastes socioeconômicos entre ricos e pobres e muitas frustrações para as massas dos empobrecidos, subnutridos, analfabetos, menores abandonados, evidentemente têm repercutido e repercutem nas consciências num país onde esperteza, jeito e malandragem fazem parte, ao que parece, do “caráter nacional”, mas não estão à disposição de todos de modo igual (LEERS, 1992, p. 159).

Entre esses “vários mestres morais”, Leers apontou igualmente os meios de comunicação social que “exerceram e exercem bastante fascínio sobre o público”, penetrando no universo humano nas suas várias gerações. “O que o povo recebe sentado são mensagens selecionadas, fragmentos escolhidos e fatos construídos pelos donos destes instrumentos. Mantidos por pequenos grupos do poder econômico e político, estão vendendo já há bastante tempo sua visão do mundo, suas interpretações, avaliações e ideais de vida ao grande público” (LEERS, 1992, p. 159-160).

4 A IRRUPÇÃO DE NOVOS SUJEITOS SOCIAIS DA ÉTICA

Frei Bernardino soube captar muito bem a realidade como movimento, bem como as pessoas concretas enquanto agentes na história. Em meados da década de 1990, ele identificava com grande acuidade os novos sujeitos emergentes que, diante da crise ética do cenário global, reagiam de maneira variada, apresentando “propostas de solução e lutas para salvaguardar os valores humanos e melhorar as condições de vida humana” (LEERS, 1994, p. 101). Atraídos pela ética, combatiam as práticas e as teorias aéticas de políticos e economistas, cujos resultados eram “a fome de milhões de brasileiros, a miséria, a corrupção em grande escala, a violência de todos os tipos, a vida marginal e subumana de 30% da população” (LEERS, 1994, p. 102).

Vivíamos, no Brasil, um processo histórico de modernização com fortes doses de alienação de nossa população, conduzida em seus comportamentos, num ajuste mimético embalado pela mídia, sem o amparo eficaz das grandes instituições, como o Estado e a Igreja, e entregue à violência. Em meio a esse cenário de decadência, Leers (1994, p. 102) identificara uma “uma nova conscientização”, assim descrita:

O povo, indignado por ser vítima, quer justiça, respeito de seus direitos e liberdade de qualquer forma de repressão e discriminação social [...]. Neste caldo ainda em formação, surgiram novos sujeitos sociais da ética

que começaram a conquistar espaços no cenário da sociedade [...]. Vários movimentos se organizaram e iniciaram a luta por uma sociedade mais justa e pacífica, mais sadia e viável. As reações tradicionais de silêncio, resignação, fatalismo e passividade evoluíram para ação, organização, protesto público, campanhas e lutas abertas (LEERS, 1994, p. 102-103).

Do seio da sociedade civil, organizaram-se movimentos ativos diversos, com estratégias de ação e mobilização definidas, com graus de pertença e com diferentes graus de eficiência e duração. Leers identificou algumas características mais ou menos comuns desses novos sujeitos sociais, assim nomeadas:

São organizações de iniciativa particular, autônomas, não governamentais; representam a consciência coletiva de um grupo social ou parcela da população; as finalidades são práticas e concretas; os grupos são ativos, combativos e lutam para alcançar os seus fins, produzem história; os meios de ação e pressão variam de extrema violência até a não violência ativa; os movimentos desempenham um papel político novo na sociedade, diferentes das atividades de partidos políticos e sindicatos e suas sombras de autoritarismo, clientelismo e burocracia; nos movimentos o ponto de encontro e o campo de ação são de ordem ética; para fortalecer seu “poder de fogo” e aumentar sua área de ação, muitos sujeitos sociais se articulam entre si em congressos, federações, organizações nacionais e transnacionais (LEERS, 1994, p. 104-106).

Muito atento ao novo que estava surgindo, Frei Bernardino identificava a interpelação ética que estava se pronunciando, vindo de um povo não de todo silenciado, pois este sempre fora sujeito social da ética, à sua maneira é claro, muitas vezes de modo clandestino face à oficialidade. O que estava emergindo não cabia “ao núcleo de produtores tradicionais ou oficiais da normatividade ética”, afirmava Leers (1994, p. 109), enfatizando que “suas pretensões eram tipicamente de ordem ética, para melhorar a vida dos pobres, libertar os oprimidos, atender às necessidades humanas, obter seus direitos”; havia nestes sujeitos emergentes uma solidariedade na luta, uma inserção na sociedade, cuja característica marcante era a ação; enquanto movimentos ativos, não agiam para submeter e silenciar o povo; antes, promoviam a participação, tomavam a palavra, faziam-se ouvir, pressionavam a opinião pública e os órgãos governamentais; eram próximos das realidades humanas e subumanas. Emergia, assim, “uma nova maneira de fazer ética”, tendo por base “uma comunidade de ideias, de diálogo que leva ao consenso do que agora é realizável, de participação aberta de todos na formação

normativa e de cooperação eficiente na prática das normas comuns, criando condições humanas que tornam a observância possível” (LEERS, 1994, p. 111).

A memória viva da opressão e injustiça sofrida e acumulada de geração em geração alimentava a consciência desse povo e reverberava em seu falar e agir, alimentando o movimento emancipatório em curso. Leers descreveu o cenário desses novos sujeitos sociais com as seguintes palavras: “A combatividade, a vontade de alcançar o objetivo pela ação, não deixa muita energia para discussões acadêmicas sem fim. Os novos sujeitos sociais são práticos, saem de situações concretas experimentadas de injustiça, opressão, violência e lutam por soluções libertadoras concretas” (LEERS, 1994, p. 112).

Frei Bernardino alimentava a esperança. Via nessa experiência a riqueza das relações de troca, a imagem de que somos uma só família humana, uma orientação no sentido da autonomia da pessoa na sociedade, sem perder a relação com os outros, a proximidade entre as pessoas, num constante aprendizado tecido uns com os outros.

Afirmava com clareza: “Os sujeitos sociais emergentes são uma nova oportunidade de abrir o jogo na procura de uma ética comum humana de compromisso e ação para salvar uma humanidade em perigo e construir algo de um bem-estar para todos” (LEERS, 1994, p. 130).

5 A MORAL NO CAMINHO DA RENOVAÇÃO NO PÓS-VATICANO II

Urgia uma renovação do quadro tradicional da moral católica. Rejeitado o esquema *De ordine morali Christiano*, o Concílio Vaticano II indicou novos rumos à moral. Mesmo não redigindo um documento dedicado à Teologia Moral, o Concílio oferece em quase todos os seus documentos afirmações, inspirações e solicitações que são cruciais para os passos a serem dados por essa área teológica (AGOSTINI, 2019, p. 107-112). Os indicativos foram na linha da centralidade de Jesus Cristo, o que foi claramente expresso no decreto *Optatam Totius* (n. 16), indicando para “um contato mais vivo com o mistério de Cristo e a história da salvação”. Esse decreto solicita claramente um “aperfeiçoamento da Teologia Moral” e aponta, segundo Ziegler (1972, p. 372-381), para um princípio ontológico: “evidenciar a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo”; um princípio cognoscitivo: “a exposição científica, mais alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura”; e um princípio operativo: “a obrigação de produzir frutos na caridade, para a vida do mundo”.

Frei Bernardino Leers, por sua vez, foi um teólogo “profundamente ligado ao Concílio Vaticano II”, como afirma Pe. Manoel José de Godoy (HOMENAGEM, 2009, p. 5) no Editorial da revista *Horizonte Teológico*, em seu número todo dedicado ao frade franciscano teólogo da moral. Com os “pés no chão”, Frei Bernardino trilha os caminhos de Jesus para, segundo Pe. Manoel, “desenvolver a moral a partir dos pequenos, dos pobres”, ele que queria “falar ao coração do povo”, fruto de um “profundo respeito pelo povo brasileiro” e de um “amor pelos simples” (HOMENAGEM, 2009, p. 5-6). Esse teólogo soube “interligar o *ethos* popular e a ética cristã” (LEERS, 1970, p. 55). Longe das abstrações da moral, ele buscou levar em conta a situação real do povo. Longe de uma moral tecida a partir de princípios genéricos, lançou suas raízes na eclesiologia da Igreja que nasce do povo, como bem expresso pelo Concílio Vaticano II. Valorizava o “jeito” do povo brasileiro e soube captá-lo muito bem em seu dinamismo ao afirmar: “Jeito é o lugar no espaço real dinâmico da vida, em que surge algo novo que ainda não era e não mais será” (LEERS, 1982, p. 51). Assim, ele intuía a passagem histórica desse povo e sua transitoriedade, sem perder o bom humor.

Frei Bernardino fez da Teologia Moral um serviço à pastoral. Isto já ficara bem delineado em seu livro *Catolicismo popular e mundo rural: um ensaio pastoral* (LEERS, 1977), em cuja abertura afirma: “Está na hora de esboçar uma síntese de tudo o que a convivência me ensinou e o que aprendi, mais com o contato com o povo do campo, talvez, do que pela literatura especializada, embora também essa tenha sido utilizada com bastante proveito”. Segundo o testemunho deixado por Frater Henrique Cristiano José Matos, ele “aprendeu a arte da escuta, atenta e crítica, do povo, e, a partir daí, faz suas reflexões e constrói seu pensamento” (HOMENAGEM, 2009, p. 10) e acrescenta:

Bernardino foi pioneiro na reflexão teológica e pastoral referente à formação de comunidades cristãs no meio do povo, com maduro engajamento dos próprios leigos. Nesse campo tem méritos singulares e de grande alcance. A pastoral da Diocese de Divinópolis muito deve à sua atuação e abordagens críticas, exatamente na formação dos leigos e no encaminhamento de uma pastoral adequada no mundo rural. Relendo o livro “Catolicismo popular e mundo rural” fica-se impressionado com a arguta percepção do autor, a profundidade de suas reflexões e as orientações práticas sugeridas. O ponto de partida é nitidamente a categoria eclesiológica de povo-de-Deus, tal como aparece na Constituição dogmática *Lumen Gentium* (1964), do Concílio Vaticano II (HOMENAGEM, 2009, p. 11).

Frei Bernardino era cioso em afirmar a liberdade do indivíduo; porém, sabia que ela se encontra condicionada por diversos fatores e pela variação de situações culturais,

ecológicas, psíquicas, sociais etc. No entanto, “apesar do peso das condições sociais, cada um escreve sua própria história”, ressaltando que há um “intercâmbio” contínuo entre as diferentes consciências que “se revelam e se comunicam entre si para edificação mútua” (LEERS, 1988a, p. 291). Ele não idealizava este processo; tinha consciência das limitações que o acompanhavam no desenvolvimento da consciência e da liberdade que se dá entre luzes e sombras. “A luz é acompanhada por sombras, o conhecimento cercado pela ignorância e a configuração dinâmica pessoal de noções e afetos morais inclui deformações, erros e manchas brancas, como se fosse um mapa incompleto, inexato e defeituoso” (LEERS, 1988a, p. 291-292).

O olhar pastoral faz com que o frade teólogo da moral identifique a edificação da própria Igreja como dinâmica histórica, apostando no “desenvolvimento libertador, complementar e retificador das pessoas e suas consciências morais ‘in fieri’” que “se realiza no próprio convívio grupal pelo intercâmbio constante e recíproco entre os participantes” (LEERS, 1988a, p. 293). Neste processo, “todos são ativos em contribuir e todos ‘passivos’ em aprender” (LEERS, 1988a, p. 293). Portanto, todos “participam ativamente do processo de aprendizagem..., se ajudam mutuamente a conscientizar-se de si mesmos e da situação comum” (LEERS, 1988a, p. 293). Os grupos de trabalho têm se mostrado mais aptos ao crescimento das pessoas, permitindo a discussão aberta de problemas, na troca de experiências e no intercâmbio de opiniões e de interpretações.

Quando estas são partilhadas, acontece um “processo social de participação, cooperação e intercâmbio”, abrindo espaço para a reciprocidade das consciências morais, chegando à “leitura crítica de documentos e textos em comum e a troca de experiências vividas, opiniões, interrogações e tomadas de posição” (LEERS, 1988a, p. 295).

Frei Bernardino não media palavras para afirmar que, através desse itinerário discipular, estávamos rompendo com “a tradição autoritária e vertical” da moral neoescolástica na “transmissão de seus conhecimentos de mão única” (LEERS, 1988a, p.

295). Porém admite que “trocar a tradicional passividade de ouvinte pela corresponsabilidade nos estudos e debates e ultrapassar a introversão fechada do individualismo não se fazem por passe mágico” (LEERS, 1988a, p. 296). É necessário ter paciência, pois cada um deverá vencer as próprias resistências; daí a necessidade de abertura e de cooperação, numa educação que se dá, segundo Leers (1988a, p. 296), de maneira triangular, sendo vivenciada no exemplo de uma sala de aula da seguinte maneira: “os presentes se educam a si mesmos, o professor educa os estudantes, os

estudantes se educam mutuamente, inclusive o professor”. É necessário vencer, outrossim, as racionalidades abstratas, longe da experiência cotidiana da práxis moral, com explicações meramente expositivas, exigindo atenção do ouvinte, disciplina e silêncio. Bernardino é enfático ao afirmar que estamos diante de “pessoas vivas e não de razões puras” (LEERS, 1988a, p. 299).

6 AS CONTRADIÇÕES DE NOSSA SOCIEDADE

Leers desenvolve uma moral com os pés no chão e olhos abertos para a realidade viva, movimentada, variada, emocional e festiva de nosso povo, sem desviar a atenção para as contradições persistentes em nossa sociedade. Ele sabe que “o jeito é escolher caminhos certos para não dar com os burros n’água” (LEERS, 2004, p. 5). Muitas vezes, a indignação é suscitada “diante dos contrastes gritantes e conflitos abertos e latentes que a sociedade atual apresenta, com milhões de vítimas sofridas” (LEERS, 1988a, p. 301). Evitando doses demasiado grandes de agressividade e culpabilização, o nosso teólogo propõe um equilíbrio analítico e crítico para não cair numa mera sensibilização sem a práxis. É necessário ter clareza na opção a ser feita, explicada por Leers com as seguintes palavras:

No mundo dividido em tantos conflitos de interesse e de poder, em que a Igreja assumiu oficialmente a evangélica opção preferencial pelos pobres, injustiçados, oprimidos e discriminados, exige-se de qualquer cristão uma tomada de posição eficiente e ativa em favor e do lado deles... para as reformas profundas da sociedade, abrindo espaço de vida para os marginalizados (LEERS, 1988a, p. 301).

Aqui não há lugar para mentes anestesiadas, fatalistas, conformadas ante um *status quo* que produz, realimenta e perpetua a marginalização e a pobreza de tantos, fruto de um sistema cuja engrenagem é perversa. Não basta orientação teórica, sem a práxis no plano pessoal e sociopolítico. Não basta teorizar a moral, sem mover um fio de cabelo em prol dos pobres e da transformação da sociedade. Mesmo assim, Frei Bernardino é prudente dada a complexidade em que a realidade se apresenta. Vejamos:

A passagem de uma bela teoria moral para a complexidade da práxis inclui sempre o fator tempo, o ritmo geralmente lento das realizações históricas persistentes, e o fator espaço humano, com suas ambiguidades, limitações e sombras. A conscientização desta situação põe rédeas na cavalgada do entusiasmo e funciona como água fria em cabeça quente, sem, no entanto, congelar a generosidade e esvaziar a

coragem e a perseverança de enfrentar os desafios do mundo atual (LEERS, 1988a, p. 302).

Sob a inspiração do Concílio Vaticano II, tornou-se possível perfazer caminhos renovados na Teologia Moral, ouvindo o clamor do povo, como resultado da “escuta dos sinais dos nossos tempos”. Essa escuta é resultado “da fé que professamos” e do “esforço para descobrir o plano de Deus” nestes sinais dos tempos, segundo afirmara a II Conferência Latino-americana de Bispos (1980, p. 37), realizada em 1968, na cidade de Medellín, Colômbia, o que funda a própria evangelização. Nas Conclusões de Medellín (7,13), lemos: “Esta evangelização deve estar em relação com os ‘sinais dos tempos’. Não pode ser atemporal ou a-histórica. Os ‘sinais dos tempos’, que em nosso continente se manifestam sobretudo no campo social, constituem um ‘lugar teológico’ e interpelações de Deus”. Toma corpo um processo criativo de elaboração teológica na América Latina que se cristaliza com a Teologia da Libertação e a ética daí decorrente; esse processo ganha novo impulso com a III Conferência Latino-americana de Bispos, realizada em 1979, na cidade de Puebla, México, interligando evangelização e libertação, sabendo captar “um clamor surdo que brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte” (1979, n. 88). Seguem-se igualmente as Conferências Latino-americanas e Caribenhas de Bispos de Santo Domingo e de Aparecida.

Um desafio ético-profético perpassa a caminhada da Igreja latinoamericana e caribenha, sobretudo presente nos grandes documentos das Conferências Episcopais. Importa captar o desafio ético e identificar as interpelações proféticas de uma Igreja que, mesmo em meio a embates diversos, busca ser fiel ao compromisso evangélico que “deve ser como o de Cristo”, buscando “ter os olhos em Cristo quando se pergunta qual há de ser a sua ação evangelizadora”, segunda afirmara João Paulo II no Discurso inaugural de Puebla (AGOSTINI, 2007b, p. 13).

Há um processo que levou à clareza da “opção evangélica e preferencial pelos pobres”. Leers afirma que essa opção “significou nos últimos decênios a quebra do isolamento da reflexão moral, aparentemente autônoma e tranquila”, para indicar: “Caída a torre de marfim da moral tradicional, uma mina de nova vitalidade começou a produzir seus frutos”(LEERS, 1992, p. 157). Testemunham essa nova vitalidade muitos fatos, enumerados por Leers:

Uma série de documentos da CNBB, a revista *Convergência* da CRB, congressos nacionais dos professores de moral, anualmente desde 1977, congressos latino-americanos, a abertura do Alfonsianum em São Paulo, uma crescente produção de artigos, coletâneas, livros sobre temas morais, religiosos, culturais, familiares, políticos e econômicos, a coleção *Teologia e Libertação*, vários textos da Campanha da Fraternidade sobre trabalho, pão, terra, mulher, saúde, menores, violência, participação política, novos cursos catequéticos e bíblicos de libertação. Atualmente, várias editoras, Vozes, Paulinas, Loyola, Santuário e mais, colocam no mercado muito material de interesse moral, variando conforme os gostos do público (LEERS, 1992, P. 157).

Frei Bernardino acompanhava o seu tempo com a perspicácia de alguém que captava detalhes e antevia passos, porque alicerçado numa sabedoria em sintonia com os pobres, o que lhe mudara a visão, reorientando sua práxis. Ela era muito cioso em afirmar:

“Para a moral que enfoca as pessoas concretas, suas inter-relações e singularidades, a facticidade humana apresenta um quadro complexo e variado, divergente e contrastante de agentes morais” (LEERS, 1992, p. 157). E se colocava à escuta para logo perceber a dureza que o sistema impiedoso de vida capitalista impunha à nossa população, enriquecendo “uma elite de posse e de poder que explora despudoradamente a grande massa dos sofridos trabalhadores” (LEERS, 1992, p. 161).

Com este sistema impôs-se uma moral de morte, de idolatria do dinheiro, competição ferrenha, direito do mais forte, síndrome de Gerson, inescrupulosidade que passa por cima de cadáveres, institucionalização da corrupção e do rolo, redução da multidão de operários à despesa e custo de produção e negação sistemática de arcar com os custos sociais da produção (LEERS, 1992, p. 161).

Nesse novo cenário, os teólogos da moral colaboram com a missão evangelizadora da Igreja. Realizam seu labor em três direções, apontadas por Leers (1992, p. 166), como a disposição de “botar a mão na massa”, numa colaboração de cristãos e não cristãos nas áreas da vida familiar, econômica e política; num trabalho transdisciplinar aberto ao aporte de representantes das ciências humanas e técnicas para responder aos desafios da humanidade; a troca de ideias com os colegas, aprendendo uns com os outros, respeitosos da diversidade de opiniões, num espaço aberto de liberdade e lealdade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição de Frei Bernardino Leers vai muito além do que aqui ousamos descrever. Ocupou-se de temas que aqui não abordamos, presentes em publicações como *Moral*

cristã e autoridade do magistério eclesiástico: conflito – diálogo; O ministério da reconciliação: uma ética profissional para confessores; Francisco de Assis e a moral cristã, entre outras. Nós as enumeraremos nas referências para facilitar a identificação e o acesso dos interessados.

Pessoalmente, Frei Bernardino foi um incentivador de minha lida na Teologia Moral, hoje estendida para a área da Educação; os 17 livros e dezenas de artigos publicados, entre outros, têm o dedo deste confrade que me escrevia passando ânimo; suas palavras sempre encorajadoras me levaram até este momento em que balucio agradecido estas palavras ante o mestre que ele foi.

É preciso, sem dúvida, enfrentar tempestades e, na sabedoria do burro, ser prudente, sabendo “respeitar os limites e evitar os riscos” (LEERS, 2004, p. 10). Humildade nunca fez mal a ninguém. “É preciso dialogar, abrir-se ao outro para que ele nos diga o que considera possível e aceitável” (LEERS, 2004, p. 10); buscar situá-lo nas condições concretas como o ponto de partida do diálogo; aproximar-se de Deus sem queimar etapas; buscar perseverar no caminho, reunindo condições para tal em termos de vontade, conhecimento, força e coragem. Não há por que se impor aos demais. “A própria verdade não se impõe senão pela força da própria verdade”, afirmava Leers (1988a, p. 306), retomando a Declaração *Dignitatis Humanae*, n. 1, do Concílio Vaticano II. Não falte a coragem de enfrentar o novo, sem tropeçar em pedras pelas trilhas, assim como faz o burro, segundo a experiência mesma de Frei Bernardino. Nós humanos fomos criados para seguir em frente, para avançar, aprender, crescer e enfrentar. Não faltarão lutas bravas, bem como a bonança. Saiba cuidar de si mesmo, coma, beba, descanse e saiba se defender, sendo fiel em servir. É assim que o burro faz. Estou parafraseando as palavras de Leers (2004, p. 16), em seu livro *A moral do burro*, em que afirmara: “O amor aproxima as pessoas pelos serviços prestados e leva-as para cima, além da altura da cruz em que Jesus morreu a fim de viver e fazer os outros viverem” (LEERS, 2004, p. 17).

Em meio às ambivalências do humano com suas luzes e sombras, não temamos a poda da árvore para que dê mais e melhores frutos; aprendamos a usar as rédeas que dão direção e segurança na cavalgada da vida. Jesus foi capaz de fazer o bem a todos, em meio a desejos e tentações; canalizou suas energias na escuta atenta da vontade do Pai. Importa seguir Jesus e revestir-nos da armadura de Deus e lutar com coragem, perseverando até o fim.

Aprender a viver com os nossos limites, sem correr demais, não aceitando qualquer coisa, pois nem tudo vale a pena. O burro sabe disso e não aceita abusos. Coloquemo-nos no caminho de Jesus, abramo-nos à sua luz. Coloquemo-nos em prontidão para servir o Reino da justiça e deixemos que nos envolva a misericórdia de Deus. Com Jesus que ilumina a nossa vida e alimenta a nossa esperança, “a terra alcança o céu, e o desejo vira realidade que não acaba”, dizia em seus últimos anos de vida Frei Bernardino (2004, p. 28).

O burro de bobo não tem nada. É preciso respeitar o ritmo, adaptá-lo até, e seguir... com equilíbrio. Não raras vezes, é preciso enterrar o passado, pois a vida está para frente. Cultivemos a confiança em Deus, abertos a aprender sempre, progredindo com nossos sucessos, fracassos e frustrações. Somos aprendizes! Na escola de Jesus nos é oferecido um aprendizado que se faz no amor que perdoa e cura as feridas, dando o tempo necessário até que a ferida cicatrize. Quem julga é Deus; “o único que sabe julgar o ser humano com segurança”, afirma Leers (2004, p. 50).

Diante do outro que me desafia em sua diferença e das mudanças contínuas que exigem constante atenção e ponderação, que eu saiba me situar, não me fechar, aprender e não rejeitar. Tudo é um longo processo de aprendizagem. Abramo-nos à conversão para encontrar perdão, na volta para Deus e os irmãos, lastreando a paz. Importa “transformar o coração de pedra em coração de carne, de sensibilidade, de amor fraterno”; esta é “a grande responsabilidade dos filhos de Deus” (LEERS, 2014, p. 61). Aprenda com a dor, de si e dos outros, “Jesus foi mais longe... Despojou-se de si mesmo quando assumiu a nossa humanidade...”, apontando para “a luz da ressurreição e da plenitude de vida”, clareando, assim, “o horizonte do peregrino”, “porque pela vossa santa cruz remistes o mundo” (LEERS, 2004, p. 64-65).

“A esperança é o que nos mantém e nos faz desejável a outra vida” (Frei Bernardino Leers). Deus seja louvado!

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **Teologia moral:** o que você precisa viver e saber. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007a.

AGOSTINI, Nilo. **As conferências episcopais:** América Latina e Caribe. Aparecida: Santuário, 2007b.

AGOSTINI, Nilo. **Moral fundamental**. Petrópolis: Vozes, 2019. (Iniciação à Teologia).

ARAÚJO JÚNIOR, Oton da Silva. A herança do teólogo franciscano Frei Bernardino Leers. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 71, n. 284, p. 932-935, fev. 2011. Disponível em: <http://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/973/839>. Acesso em: 22 out. 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.29386/reb.v71i284.973>.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (II). **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio** (Conclusões de Medellín). 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (III). **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

DELHAYE, Philippe. La morale à l'heure du Concile: un tour d'horizon. **L'ami du Clergé**: Revue de Toutes les Questions Eclesiastiques, Langres, n.72, p. 529-533, 1962.

HOMENAGEM a Frei Bernardino Leers. **Horizonte Teológico**, Belo Horizonte: ISTA, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009.

LEERS, Bernardino. **Novos rumos da moral**. Belo Horizonte: O Lutador, 1970. (Cadernos de Atualização Teológica 2).

LEERS, Bernardino. **Catolicismo popular e mundo rural**: um ensaio pastoral. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEERS, Bernardino. **Jeito brasileiro e norma absoluta**. Petrópolis: Vozes, 1982 (CID - Pastoral 7).

LEERS, Bernardino. Ensinar Teologia moral. *In*: ANJOS, Márcio Fabri dos (coord.). **Articulação da Teologia Moral na América Latina**. Aparecida: Santuário, 1987. p. 119-143. (Teologia Moral na América Latina, 2).

LEERS, Bernardino. Ensinar Teologia Moral na América Latina. *In*: ANJOS, Márcio Fabri dos (coord.). **Temas latino-americanos de ética**. Aparecida: Santuário, 1988a (Teologia Moral na América Latina, 3).

LEERS, Bernardino. **O ministério da reconciliação**: uma ética profissional para confessores. Petrópolis: Vozes, 1988b.

LEERS, Bernardino. **Moral cristã e autoridade do magistério eclesial**: conflito – desafios. Aparecida: Santuário, 1991. (Teologia Moral na América Latina, 7).

LEERS, Bernardino. A história da moral católica no Brasil do século XX. *In*: ANTONIAZZI, A.; LIBÂNIO, J. B. (coord.). **Novas fronteiras da moral no Brasil**. Aparecida: Santuário, 1992. p. 151-166 (Teologia Moral na América Latina, 9).

LEERS, Bernardino. Sujeitos sociais emergentes da ética. *In*: ANJOS, Márcio Fabri dos (coord.). **Ética na relação entre Igreja e Sociedade**. Aparecida: Santuário, 1994 (Teologia Moral na América Latina, 10).

LEERS, Bernardino. **Francisco de Assis e a moral cristã**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LEERS, Bernardino. **A moral do burro**. São Paulo: Paulinas, 2004.

MOSER, Antônio; LEERS, Bernardino. **Teologia Moral**: impasses e alternativas. Petrópolis: Vozes, 1987 (Série III: A libertação na história, 5).

ZIEGLER, J. G. Teologia morale. *In*: VANDER GUCHT, R.; VORGLIMLER, H. **Bilancio della teologia morale del XX secolo**. Roma: Città Nuova Editrice, 1972. v.3: p. 372-381.